

O BRASIL VISTO DE SELMA, ALABAMA, 1867. UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

BARBARA H. STEIN

Trad. ALBERTINA DE OLIVEIRA COSTA

O propósito deste ensaio histórico é chamar a atenção para a variedade e riqueza dos relatos de viagem do século XIX sobre o Brasil, focalizando-os através do prisma singular mas pertinente de uma mentalidade Sulista do pós-guerra, e também, sugerir uma abordagem ao tema do êxodo Confederado para o Brasil, assim como também ao tema correlato da escravidão comparada. Ao mesmo tempo, o ensaio apresenta através das notas de rodapé uma lista selecionada de livros da Brasiliana, muitos dos quais são acessíveis na biblioteca da Universidade de Princeton. As obras que não se encontram na biblioteca são indicadas por um asterisco, os títulos marcados deste modo constituem uma lista "desiderata".

No comêço de 1867, o *Daily Times* de Selma, Alabama, respondeu a uma sugestão do *Messenger* de Meridian, Mississippi, através da reimpressão de uma carta de um agricultor local em forma de panfleto intitulado "*Brazil: Reflections on the Character of the Soil, Climate, Inhabitants and Government.*" Seu autor, Joel E. Mathews, (1) um agricultor do Condado de Dallas e "um

(1) Joel E. Mathews representava a aristocracia dos plantadores de algodão do Alabama duplamente em educação e riqueza. Nascido na Georgia, obteve diplomas em Direito e Medicina da Universidade de Virginia, estabelecendo-se no Alabama por volta de 1831. Em 1860, possuía 284 escravos e uma fazenda de mais de 6.000 acres avaliada em \$ 152,625, enquanto sua fortuna pessoal era estimada em \$ 404,760. Contribuiu com \$ 15,000 para a defesa do estado depois da sua secessão e equipou por conta própria várias companhias militares. Que sua identificação com o destino do antigo reino do algodão, sua organização e seus problemas não se tenha limitado à inculca rotina descrita por alguns viajantes, é sugerida pelo fato de ter estabelecido uma beneficiadora de algodão em Selma. Thomas McAdory Owen. *History of Alabama and Dictionary of Alabama Biography*. Chicago, 1921, IV, 1174-1175.

cavalheiro de inteligência e discernimento" estivera no Brasil no ano anterior e seu relato, ansiosamente aguardado, continha detalhes "não vistos ainda em nenhuma correspondência sobre o Brasil, interessantes para a opinião agricultora interessada em migrar para aquêl Império." (2) Embora o panfleto consistisse numas poucas 15 páginas, um trabalho magro para descrever assunto tão amplo, pode servir para concentrar a atenção em certos aspectos e problemas da vida brasileira do século XIX, e para levantar a interessante questão histórica e bibliográfica: Tivesse Joel Mathews desejado ou sido capaz de consultar a então existente literatura de viagens sobre o Brasil, teria êle encontrado respostas satisfatórias para as questões que procurava colocar na cabeça de outros sulistas insatisfeitos?

Mathews havia saído de Selma em 1866 "para procurar um nôvo *Law*, devido à profunda e total desorganização do sistema de trabalho ao qual estava acostumado". Procurou "um clima em que pudesse plantar e cultivar algodão... e também uma terra ao mesmo tempo barata e fértil" com "o mesmo sistema de trabalho (escravidão africana) e muitas das peculiaridades do sistema social que resulta da posse de escravos, que para mim são prazenteiras e agradáveis e às quais estive tôda a minha vida acostumado." Estava convencido que "por muitas gerações, o govêrno dos Estados Unidos deveria ser inimigo do antigo proprietário de escravos, do ex-rebelde e de seus filhos." No Brasil viu "um govêrno tão sãbiamente constituído que por mais de quarenta anos havia preservado a paz e o sossêgo de seus cidadãos... e tão benignamente administrado que em feliz contentamento... todos e cada um de seus cidadãos aproveitam os frutos da sua indústria". Em sua carta, não escondia certos escrúpulos a respeito da "continuação por parte do govêrno da proteção do direito de propriedade sobre escravos", e na realidade afirmava que "uma coisa tal como a emancipação poderia acontecer lá." "Quase todos os homens inteligentes com os quais entrei em contato" explicava "têm a respeito da escravidão africana quase a mesma opinião que nossos plantadores, trinta ou quarenta anos atrás, ou seja: que é errada — um grande mal sob o sol — que nenhum dêles a havia desejado — esperavam por algum meio livrar-se dela a curto prazo; em poucas palavras, eram abolicionistas sem consciência disso". A emancipação devia ser especialmente temida no Brasil "porque o desejo de tê-la feita era estimulado pelo sentimento que o Autor de todo pecado encontrou meios de infeccionar em algum grau a maioria da família humana... (o que) é chamado neste país Democracia, nos Brasis é chamado Liberalismo — e na Inglaterra é chamado Reforma, são do seu partido todos aquêles que pensam que todos os homens são iguais... Como tôdas as coisas que vêm de Satã, isto é frequentemente mostrado ao mundo sob muitos artificios agradáveis e atraentes, primeiro exhibe um estandarte inscrito com Liberdade, Igualdade e Fraternidade, com os direitos do homem como sinistro brasão. Depois atrai com o estandarte

(2) Joel E. Mathews: *Reflections on the Character of the Soil, Climate, Inhabitants, and Government, Selma, Alabama, 1876*, p. 3.

onde está inscrito: Moeda papel, Estradas de ferro e Desenvolvimento dos recursos, com a destruição do direito de propriedade como um brasão sinistro... quando visto na sua terceira e última fase, êle agita um estandarte vermelho-sangue com as palavras Rapina, Roubo e Sangue". No entanto, a despeito de sua convicção íntima de que os liberais brasileiros estavam bem embarcados nesta estrada de perdição, julgava que o abolicionismo ainda não era forte, pois concluiu: "Posso dizer confidencialmente para todos aquêles que talvez possam ter decidido emigrar para o Brasil que estou seguro que se êles fôrem para o Brasil nunca se arrependerão de tê-lo feito." (3)

Quer Joel Mathews tenha ou não decidido emigrar, um considerável número de famílias sulistas realmente se transferiu para o Brasil nos primeiros anos que se sucederam à Guerra Civil. (4) Alguns voltaram, alguns não se deram bem e outros progrediram. Como muitos emigrantes, muito mais do que atraídos por certo futuro, êles estavam fugindo daquilo que parecia ser um presente intolerável. Tinham como bagagem mais esperança e ódio que conhecimento e planos. Se tivessem lido os relatos contemporâneos da vida no Brasil, um menor número se teria arriscado, e estariam melhor preparados para escolher uma região onde se estabelecer, adaptar e prosperar? Teriam tido êles uma visão mais clara do que o futuro poderia oferecer para êles e para seus filhos assim como para o Brasil?

Poucos livros foram de fato escritos especificamente por e para Sulistas irrecuperáveis. Ballard S. Dunn, prior da St. Philip's Church em New Orleans e veterano do Exército Confederado, que também tinha acabado de voltar de uma viagem de reconhecimento e publicar o livro, *Brazil, the Home for Southerners*, no qual instava possíveis emigrantes para que se juntassem a êle no estabelecimento de uma área de colonização junto ao rio Juquiá ao sul de São Paulo. (5) Um relato mais detalhado é "*Hunting a Home in Brazil*", diário de um médico da Carolina do Sul, também "veterano do Exército Confederado", que examinara várias partes do Brasil em 1865-66 com o propósito declarado de comprar terras para o estabelecimento de americanos. Depois de ter visitado a área de Campinas em São Paulo, argumentava que "as vantagens para o cultivo do algodão nessa região dão-lhe primazia sôbre a parte meridional dos Estados Unidos. O elemento adicional do trabalho escravo está aqui apto a trazer resultados que não podem ser assegurados pelo trabalho assalariado nos Estados Sulistas; e tão logo os negros se tenham familiarizado com o modo adequado de trabalhar o algodão, poderemos antecipar uma produção excedendo a qualquer uma que já tenha sido realizada nos Estados Unidos". A "refinada hospitalidade" que encontrou, particularmente na magnífica fazenda do Comendador José

(3) *Ibid.*, pp. 4, 13-15.

(4) Lawrence F. Hill, *The Confederate Exodus to Latin America*, (Austin, Texas,) 1936, pp. 5, 39-75. Hill estima entre 8 000 e 10 000 o número de sulistas que emigraram para América Latina. Richard F. Burton relata no prefácio do seu *Highlands of the Brazil*, London, 1869, que em 1868 oitocentos sulistas estavam se estabelecendo em São Paulo.

(5) *Ballard S. Dunn, *Brazil, the Home for Southerners*, New York, 1866.

Vergueiro, fê-lo lembrar do "soberbo e generoso procedimento que caracterizava os cavalheiros Sulistas em tempos passados". Concluía que "para nosso povo Sulista, o Império do Brasil engloba o caráter e o sentimento da melhor classe de cidadãos, guardando em larga escala nosso tipo de gosto e polidez... desenvolvido com a consciência de que o trabalho faz o homem, e sem dúvida relacionado com o mesmo *status* relativo das raças, que era antigamente a linha de demarcação entre a população negra e branca entre nós." Apesar do fato de que o "Brasil encara a instituição da escravidão como precária" escreveu "embora a escravidão possa estar destinada a acabar algum dia no futuro pela emancipação gradativa, ainda assim os elementos da sociedade que resultam do domínio do homem branco nunca serão arrancados do povo." (6)

Esses livros não caíram em terreno inteiramente virgem. Durante a década precedente à Guerra Civil, um outro Sulista havia entusiasticamente esposado a idéia do desenvolvimento do norte do Brasil pelos americanos através do emprêgo do trabalho escravo. Mathew Fontaine Maury, da Virgínia, viu na bacia Amazônica o "Jardim das Herpérides" onde o trabalho Negro sob direção branca produziria uma riqueza inenarrável e seria "uma válvula de segurança" para a União Americana. As idéias de Maury foram difundidas em numerosas revistas assim como em resoluções adotadas e impressas por convenções Sulistas, e sua atividade levou à exploração do Amazonas seu parente Lewis Herndon, sob os auspícios da Marinha Norte Americana. O relatório de Herndon com sua previsão que "em cinquenta anos... o Pará será o que New Orleans poderia ter sido há muito, tanto pela atividade de New York como pelo seu próprio clima decisivo, a maior cidade do Nôvo Mundo" (7) parecia apenas documentar o que havia sido escrito em 1847 por outro americano "todo o território é tão superior em todos os aspectos ao vale do Mississipi como o vale do Mississipi o é em relação ao do Hudson." (8)

Apesar e talvez por causa de tão extravagante descrição, uma maioria de sulistas decididos a emigrar, interessados na cultura do algodão, mudaram para latitudes mais temperadas do Brasil, particularmente para as províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Lá a cultura do café estava se expandindo e o cultivo do algodão estava crescendo rapidamente para suprir o *deficit* criado pela Guerra Civil Americana e sua subsequente colheita. Lá também já se encontrava uma sociedade estabelecida, baseada na produção e exportação das principais mercadorias fornecidas pelo trabalho escravo — um meio comparável ao do Sul de antes da guerra.

(6) *J. McF. Gaston, *Hunting a Home in Brazil*, Philadelphia, 1867, pp. 101-106, 228, 373-374. Outro promotor da emigração sulista para o Brasil, Lansford Warren Hastings, escreveu um relato bastante romântico da bacia Amazônica, que trouxe duzentos americanos «desgostosos» para Santarém, a quinhentas milhas da foz do Amazonas. *An Emigrant's Guide to Brazil, em Hill, op. cit., pp. 32-37, 67.

(7) *Mathew Fontaine Maury, *The Amazon and the Atlantic Slopes of South America*, Washington, 1853, p. 63. Lewis Herndon e Lardner Gibbon *Explorations of the Valley of The Amazon*, Washington, 1854, p. 371.

(8) William Henry Edwards, *A Voyage up the River Amazon*, New York, 1847, p. 250.

Uma descrição da vida em desenvolvimento nesta região do Brasil central, em meados do século XIX, encontrada em muitas bibliotecas sulinas, era "*Sketches of Residence and Travels in Brazil*" de Daniel P. Kidder, "a primeira obra exclusivamente sobre o Brasil... editada pela imprensa americana". Durante seus dois anos e meio de viagem pelo Brasil para a American Bible Society, seu autor achou a província e a cidade de São Paulo particularmente especiais. A cidade foi descrita por êle como um ponto de encontro da sociedade refinada e culta de toda a província, um lugar de belas residências e jardins, onde ricos plantadores mantinham sobrados e as mulheres eram apreciadas pela pureza de sua descendência, a oratória cultivada e a falta de pressa notável. Uma visita a uma fazenda de São Paulo fê-lo lembrar a paisagem dos Estados Unidos, enquanto a própria fazenda teria parecido familiar a Joel Mathews: "Em volta da casa da fazenda como um núcleo, estavam situadas numerosas construções, como acomodações para negros, armazéns para os produtos agrícolas e instalações para beneficiá-los". Na vida social da "casa grande" da fazenda Kidder não observou "nada daquela reclusão, daquela excessiva sujeição que alguns escritores haviam estabelecido como características da mulher brasileira." (9)

Uma ampliação do relato de Kidder foi empreendida nos anos 1850 por um irmão missionário que além de acrescentar muito material histórico tirado de Armitage (10) e Southey (11), somou suas próprias experiências de viagem e opiniões. James C. Fletcher comparou as instituições políticas do Império às dos Estados Unidos em organização eleitoral e constituição, ao mesmo tempo que louvava a iluminada liderança do Imperador do Brasil, Pedro II e, sua aristocracia não hereditária. A descrição de Kidder de uma fazenda paulista foi substituída por um relato igualmente róseo da experiência do senador Vergueiro com o trabalho de imigrantes alemães e suíços em uma das fazendas da mesma área. Entre a estada de Kidder e a visita de Fletcher, o tráfico brasileiro de escravos havia sido finalmente extinto (1850) e esquemas de colonização estavam na ordem do dia. "O sistema do senador Vergueiro", escrevia Fletcher em 1857, "está na iminência de ser realizado em grande escala, nada menos de quinhentos imigrantes estão para ser trazidos deste modo para o Brasil." (12) No entanto, em sua 7.^a edição "revista e aumentada" de *Brazil and the Brazilians* (1867) que anunciava "as mais recentes informações de interesse para emigrantes" êle notava que a experiência Vergueiro "não está em tão florescente condição como antigamente... em relação a dificuldades financeiras e outras." Concluía agora que "o futuro bem estar do Brasil" requeria em primeiro e privilegiado lugar "uma legislação imediata... terminando com a escravidão no Império com medidas

(9) Daniel P. Kidder, *Sketches of Residence and Travels in Brazil*, Philadelphia, 1845, 2 vols., 1. 231 ff.

(10) John Armitage, *The History of Brazil*, London, 1836.

(11) Robert Southey, *History of Brazil*, London, 1810-1819, 3 vols.

(12) D. P. Kidder e J. C. Fletcher, *Brazil and the Brazilians*, Philadelphia, 1857, pp. 405 ff, p. 584.

judiciosas." "As dificuldades, então grandes" acrescentava, "não eram como as dos Estados Unidos onde há um preconceito infundado contra a côr". (13)

A cobertura dada por Fletcher à década de 1850 foi em geral favorável ao Brasil. Uma visão igualmente otimista da cultura e agricultura no Brasil foi apresentada em 1866, no guia do viajante de William Scully, prevendo que, com suas vantagens de solo, clima, baixo custo do trabalho e impostos "o Brasil pode se tornar o maior país cultivador de algodão do mundo." Joel Mathews teria também respeitado a análise de Scully ao govêrno em termos de "constituição e leis... um reflexo das inglêsas" proporcionando "garantia suficiente para a vida e propriedade de todos", sólida autonomia local, manutenção de uma efetiva autoridade central, e coesão social de uma aristocracia aberta para os homens de educação e riqueza. Uma leitura cuidadosa de Scully, no entanto, pode levantar algumas dúvidas. Sua reportagem da Crise Souto de 1864 na qual o crédito dos fazendeiros, já abalado pelo excessivo investimento em terras e escravos, entrou em colapso, poderia ter sugerido que a prosperidade dos anos cinquenta tinha fundações inseguras. Além disso, a defesa de Scully à imigração européia e a observação de que "nenhum preconceito em relação à côr existe no Brasil... a distinção político-social está aberta igualmente para brancos, negros e vermelhos", não era de molde encorajar as aspirações de nostálgicos como Mathews. (14)

O otimismo dos anos cinquenta, embora com uma importante reserva, também dominou o relato de William Hadfield, residente muitos anos no Brasil como secretário da British Shipping Company. "Probidade e elevação de todo gênero na vida pública são tão gerais no Brasil como em qualquer lugar da Europa, a própria Inglaterra certamente não excluída", escreveu em 1854, acrescentando que "o reinado do imperador havia sido próspero e feliz". Revendo o progresso intelectual do Império, observou que em 1808 o Brasil não tinha Imprensa, "agora não há grande cidade sem o seu jornal"; enquanto em 1808 havia apenas educação conventual, agora a educação secular estava bem difundida e "leituras em francês da mais recente publicação parisiense" assim como modelos franceses eram facilmente encontráveis. No entanto "um mal social do Brasil" escreveu Hadfield "é a dificuldade na obtenção de uma população trabalhadora, uma necessidade seqüente da cessação da importação de escravos... a qual, a menos que séria e frontalmente tratada, deverá legar conseqüências momentosas". Desde "que está

(13) James C. Fletcher e D. P. Kidder, *Brazil and the Brazilians*, Boston, 1867, pp. 415, p. 539. Um interessante relato da tentativa de Vergueiro de introduzir trabalho livre numa área de cultivo escravo, escrita por um dos próprios colonos, é *Memórias de um Colono no Brasil* de Thomas Davatz, 2.^a ed., São Paulo, 1941.

(14) William Scully, *Brazil, its Provinces and Chief Cities; the Manners and Customs of the People*. London, 1866, 26-27, XIII-XV, 118-149, 370-380. Um relato francês, escrito dez anos antes, emprega termos quase idênticos: recursos agrícolas, govêrno estável, tarifas baixas, melhoramentos públicos fornecem as condições para o progresso que apenas necessita da aplicação da energia da «raça européia» para mostrar a superioridade, que já pode ser testemunhada nos Estados Unidos. Charles Reybaud, *Le Brésil*, Paris, 1856.

bastante claro que trabalhadores europeus não podem trabalhar juntamente com escravos... a única alternativa parece ser os "collies" da China... um experimento... fãcilmente... realizãvel, quanto mais cedo, melhor." (15)

Enquanto êsses relatos apenas faziam referênãcia à escravidão brasileira, o de C. S. Stewart, um oficial da Marinha Americana que visitou o Brasil pelo menos duas vêzes entre 1833 e 1856 a bordo do *U. S. Congress* previa que a abolição do trãflico brasileiro de escravos iria "melhorar o tratamento dos escravos e particularmente o de seus filhos". Enquanto "em anos passados, quando o prêço do escravo era apenas... por volta de 60 dólãres, parecia estar aprovado um princípio estabelecido... que era mais barato "esgotar" os negros atravêdo do constante trabalho árduo... do que criar crianças ou aumentar a duração do serviço por um trabalho mais moderado... agora, quando o prêço de um escravo subiu para 600 ou 700 dólãres, as estimativas na economia dos casos individuais serão maiores e ambos, pais e filhos, melhor tratados." Com respeito ao tratamento geral dos escravos, Stewart observou que "provãvelmente não difere no Brasil do exibido em tãda a parte onde há poder irresponsãvel. Das mucamas do Rio se diz que tẽm o tempo folgado... mas a se julgar pelas instãncias que vi de trabalhadores no campo, acho que êles não tẽm senão uma vida triste e exaustiva." A sorte dos negros livres e mulatos, no entanto, parecia bem diversa: "A cõr não estabelece aqui a posição social, como em nosso país. É um fato notãrio que num país onde existe escravidão na sua forma mais severa há pouco do preconceito anglo-saxão, tão universal nos Estados Unidos... Um escravo é um serviçal não porque é negro mas porque é escravo. No Brasil tãdas as avenidas da riqueza e profissão estão abertas para os homens livres de cõr se tẽm carãter, talento e habilidade para progredir..." (16)

No comêço de 1850, um pastor americano, tãbẽm do *US Congress* teve uma visão um pouco diversa. O reverendo Walter Colton achou que a sorte dos escravos era melhor que nos Estados Unidos e que "a liberdade em muitos casos permanece dentro de seu alcance". Concordava com Stewart que "quando livre, êle vai à urna de voto e é elegível para uma cadeira na legislatura nacional. É coisa dos americanos pregar humanidade, liberdade e igualdade e depois torcer o nariz se um africano toma assento na mesma mesa a bordo de um vapor." (17)

Um ponto de vista mais compatível com o do plantador do Condãdo de Dallas pode ser encontrado em *Ten Months in Brazil*, de John Codman, publicado pela imprensa de Boston em 1867. Apesar de sua origem ianque, Codman não era um filantropo. Capitão de navio cuja famíliaridade com a

(15) William Hadfield, *Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands* London, 1854, pp. 151-161.

(16) C. S. Stewart, *Brazil and La Plata: The Personal Record of a Cruise*, New York, 1856, por um oficial do US Congress, p. 297. O exemplar dêste livro da Bibiloteca foi apresentado, no ano de sua publicação, ao reverendo C. Musgrave Giger por Betsy Stockton.

(17) Walter Colton, *Deck and Port: or, Incidents of a Cruise in the United States Frigate Congress to California*, New York, 1850, pp. 110-113. O «Congress» estava sob o comando do Comodoro Stockton.

costa africana nos anos quarenta é um pouco suspeita, tinha apenas desdém pelos negros e escravos, cuja felicidade, quando êles eram bem "trabalhados", consistia na sua "ignorância e na exuberância de uma vida meramente animal". Comparou a mal concebida filantropia da experiência do Imperador na fazenda real de Santa Cruz, onde crianças escravas estavam sendo educadas frequentemente apenas "para reincidir no seu barbarismo anterior" com a produtividade e a felicidade dos escravos numa fazenda vizinha pertencente a um ianque casado com uma brasileira. Codman, no entanto, analisou o curso da escravidão brasileira com notável acuidade. Viu que o fim do tráfico africano de escravos em 1850 havia trazido uma rápida elevação no preço dos escravos e uma conseqüente concentração de escravos nas províncias centrais produtoras de café, onde seu trabalho trazia o mais alto rendimento. Enquanto o sentimento abolicionista se difundia no Brasil norte que estava vendendo seus escravos, as províncias centrais tentavam agora defender a instituição com uma pertinácia sul caroliniana." O crescimento de um partido anti-escravista recrutado "nas províncias em volta do Equador viria a ser sem dúvida finalmente cheio de sucesso" mas êle não antevia "dificuldades a suplantarem como aquelas encontradas nos Estados Unidos. Não há a apavorante questão das raças a enfrentar... Aqui a fusão geral já bastante avançada, será completa e podemos prever de preferência a aniquilação de toda mestiçagem anti-natural do que a de qualquer de seus elementos." O que isto queria dizer é mais claro em outro ponto: "Deixem o governo... ser dirigido por norte-americanos, o solo ser cultivado por energia e maquinaria norte-americana, cairão as relíquias vacilantes da barbárie; e assim como os índios morreram longe de nós, e os africanos estão agora perecendo, assim esta raça estéril, híbrida e completa desaparecerá da terra. É o destino. Filantropia, filosofia e as religiões não são mais do que cascas de ovos nos trilhos da irresistível locomotiva do destino." Para o presente, no entanto, "como o período de alforria no Brasil ainda está muito distante, o atual custo do trabalho e da produção não será afetado por ela." O cultivo do algodão tinha um grande futuro no Brasil onde era favorecido mais do que em outras partes do mundo pelo clima, solo e fornecimento de trabalho. Seu conselho para os observadores sulistas que viajavam em seu navio, era que não aceitassem a descrição do "imaginativo Fletcher vista através de lentes *couleur de rose*", mas para vir ao Brasil, abastecidos com dinheiro para a compra de terra e escravos. (18)

A experiência de Codman no Brasil como a de Stewart foi em grande parte limitada à costa. Para uma descrição realista da vida nos anos sessenta, em uma típica fazenda do Brasil Central, os sulistas não encontrariam melhor fonte que *Le Brésil Contemporain* de Adolphe d'Assier (1867). Relato da vida econômica e social da "fazenda" brasileira na qual Mathews encontraria muito de conhecido: vastas plantações de cana, algodão ou café, o

(18) John Codman, *Ten Months in Brazil*, Boston, 1867, pp. 84-87, 105, 144, 154-155.

núcleo da fazenda com sua casa grande e varanda, seus anexos, instalações de escravos, moradia do capataz, engenhos, freqüentemente uma enfermaria, seus cercados e pastos, nos limites da plantação as moradias da população marginal livre, e adiante a inexplorada floresta virgem. Certamente a evidência da terra esgotada não teria surpreendido Mathews, embora não houvesse sinal do arado que êle responsabilizaria pelo "desgaste" dos solos do Alabama. Nem a rotina diária do fazendeiro e do escravo seriam estranhas para êle. Para o senhor, de madrugada, inspeção a cavalo da plantação para observar o trabalho dos negros, atenção para uma máquina em ação, depois, cedo, almôço com algum viajante de passagem ou vendedor com as novas do dia, uma olhada no livro de contas, um relatório do seu feitor, uma descansada refeição no meio da tarde, um ocasional jôgo de cartas e um recolher-se cedo. Caçadas, visitas "*en famille*" a fazendas vizinhas, à sede do município em ocasiões especiais, ou ao agente comercial no Rio de Janeiro, pontuavam a monotonia da vida do fazendeiro. (19)

Nem poderia a descrição, — feita por Assier — do supervisor da fazenda ter trazido muito de novo para Joel Mathews. Indispensável, mal pago, rotineiro e usualmente ignorante, freqüentemente indigno de confiança, o supervisor fôsse êle branco pobre ou irlandês como nos Estados Unidos, mulato ou português como no Brasil, era uma constante fonte de queixa para o fazendeiro e de medo para o escravo. Era quem reunia os escravos das acomodações bastante antes do alvorecer, com um sino ou tambor, e não com a corneta como no Alabama, supervisionava o alinhamento e a partida para os campos, embora uma vez lá deixasse um preposto para superintender as linhas de trabalho no trato da mercadoria. O dia de trabalho do escravo, cortado por uma longa refeição ao meio-dia, comida nos campos, acabava no crepúsculo com a volta à senzala e a alimentação noturna exceto quando era necessário um racionamento. Variações da prática do Alabama teriam parecido secundárias. O escravo brasileiro dormia em instalações parecidas com barracas, divididas em cubículos para as famílias e não nas choupanas comuns no Alabama. O castigo do escravo incluía o chicote e o tronco, raramente o ferro em brasa. Feijão e mandioca como a alimentação com base em milho e toucinho formavam a dieta do escravo. Mathews se teria tranquilizado ao saber que o "*capitão do mato*" brasileiro como o "*paddington roller*" patrulhava as terras da fazenda e sentiria um desconforto familiar ao saber que os roubos e negócios clandestinos do escravo com os comerciantes locais ou itinerantes eram um castigo também para o fazendeiro brasileiro como para o americano. Sem conhecer a língua, teria entendido os anúncios de fugitivos em impressos e jornais, tão parecidos em forma e conteúdo com aquêles do Sul americano. (20)

(19) *Adolphe d'Assier, *Le Brésil Contemporain*, Paris, 1867, pp. 119-139. James Benson Sellers, *Slavery in Alabama*, University of Alabama Press, 1959, pp. 19-26, 76-80. Charles S. Davis, *The Cotton Kingdom in Alabama*, Montgomery, 1939, pp. 46-69, 173-178. Mathews, op. cit., pp. 7-8.

(20) D'Assier, op. cit. pp. 9-100, 119-148; Sellers, op. cit., pp. 44-62, 88-90, 257-260, 278-279, 288-289; Davis, op. cit., pp. 54-60, 97-99, 101-102.

Uma fazenda muito menos típica e muito mais grandiosa foi descrita por Louis Agassiz em *A Journey to Brazil*. A fazenda de dois mil escravos pertencente ao comendador Breves teria impressionado qualquer plantador da Virgínia a New Orleans. Sua casa grande dominando o rio Paraíba, sua sala-de-jantar acomodando cem pessoas, suas cozinhas, hospital, costureiras, sua famosa charanga de negros — “estas são coisas que fazem uma pessoa esperançosa com relação a escravidão no Brasil.” (21) E um português que se havia estabelecido no Brasil, Augusto Emilio Zaluar, mais ou menos na mesma época enaltecia seu jardim encantador, seus grandes espelhos, seus ricos candelabros de prata e móveis. (22)

De maior interesse ainda para Mathews teria sido o relato de Zaluar sobre as fazendas em desenvolvimento na área campineira de São Paulo. O clima saudável, os solos ricos, os habitantes abertos e hospitaleiros (14.000 escravos e 10.000 livres), sociedades literárias, teatro e escolas (“A maioria dos fazendeiros contrata preceptores para seus filhos”) e sobretudo a ausência de conflito político entre o povo “que forma por assim dizer uma grande família”, teriam atraído os sulistas gastos pela guerra. (23)

Outra fazenda igualmente impressionante, pertencente a um barão do café foi descrita por Charles Ribeyrolles que visitou a *Fazenda de Ubá* juntamente com o artista Victor Frond nos anos 1850. Além de observar a rotina do cultivo do café e do açúcar, assim como os numerosos sinais de exaustão do solo, observou a crescente escassez de braço escravo e a aparente inadaptação dos escravos para o uso de máquinas que libertariam braços primordiais para o trabalho no campo. Concluiu que a economia da fazenda brasileira estava num impasse dentro do qual apenas dois caminhos estavam abertos: “Entrer hardiment dans les voies de la science, en essayant les méthodes supérieures qu'elle a déjà fixées, et changer l'atelier lui-même, son organisation, ses moeurs, ses disciplines. Or ceci implique à la fois, une évolution scientifique, et une révolution sociale, deux choses qui passent difficilement.” (24)

Joel Mathews poderia ter descontado as conclusões de Ribeyrolles sobre o destino embaraçante da fazenda trabalhada por escravos como apenas a opinião de mais um desses filhos de Satã, liberais, reformistas, democratas, pois Ribeyrolles e Frond eram na verdade refugiados da França de 1848. E ele poderia ter sentido que o *know how* superior da fazenda americana teria resolvido os problemas que Ribeyrolles descreveu. No entanto, pode-se apenas imaginar sua reação ao quadro de Ribeyrolles de uma sociedade es-

(21) Louis Agassiz, *A Journey in Brazil*, Boston, 1868, pp. 119-120.

(22) Augusto Emilio Zaluar, *Peregrinação pela Província de S. Paulo, 1860-61*, 2.ª ed., São Paulo, 1953, pp. 19-20.

(23) *Ibid.*, pp. 135-142.

(24) Charles Ribeyrolles, *Brasil Pitoresco*, Rio de Janeiro, 2 vols., 1859, II, 118. Infelizmente a Biblioteca não possui o complementar album in folio de gravuras de Victor Frond cujo trabalho se baseou em fotografias de cenas de fazenda e outros aspectos da vida brasileira nos anos cinquenta.

sencialmente não segregada em tôda a parte fora da fazenda. Ribeyrolles encarava a população livre de côr como "um terceiro estado em desenvolvimento" que tinha um papel ativo no govêrno, no exêrcito, nas artes e ciências e nas profissões liberais. Descrevendo um setor da população que havia sido cuidadosamente mantido insignificante no Alabama, Ribeyrolles escrevia: "Aimez-vous l'Afrique? Allez de grand matin, au marché qui touche au port. Vous l'y trouverez tout entière, assise, accroupie, ondulant et jasant, sous turban de cachemire, ou vêtue de loques, trainant la dentelle ou la guenille... Il y a, là, les négresses à boutique, matrones du lieu,... portant au côté crochet et clefs de maison. Ces dames de la halle ont leurs esclaves qui font le service de l'étalage..." Havia as *quitandeiras*, negras livres que ganhavam a vida como vendedoras de rua e os *negros de ganho*, escravos que operavam de modo independente entregando uma soma fixa para seus senhores, assim como os escravos alugados que trabalhavam fora para seus donos. Apenas o último tipo teria sido familiar para o fazendeiro do Alabama. (25)

Outro visitante desprovido do otimismo prevalecente foi Charles Expilly cujo *Brésil tel qu'il est* começava com a declaração de que seu autor não tinha vindo para o Brasil como diplomata ou para estudar beija-flôres ou ainda para promover a imigração. O seu relato jornalístico e amargo da vida de um proprietário de classe média no Rio de Janeiro salientava os males inerentes de uma sociedade escravista e previa que "se o Império desejava permanecer, devia substituir o trabalho livre pelo escravo", cuja eliminação constante desde o fim do tráfico causou "o desastroso estado da agricultura brasileira". (26)

Não há nenhuma dúvida que os relatos dos anos cinquenta e sessenta, apesar da referência ao problema do fornecimento do trabalho, concordavam em geral com as vantagens agrícolas do Brasil, a estabilidade de sua monarquia constitucional em contraste com a turbulência das repúblicas hispano-americanas, com a existência de uma elite social de cultura vitoriana, familiar à Europa e aos Estados Unidos. Relatos escritos entre 1830 e 1850 teriam sido muitos menos tranquilizadores; Expilly e Ribeyrolles simplesmente continuaram uma tradição de pessimismo em relação ao Brasil criada por visitantes anteriores. O conde Suzannet, embora concebendo que a fertilidade do solo era "o verdadeiro elemento de riqueza e prosperidade dêste vasto Império" duvidava fortemente que seus líderes e instituições viessem a estar à altura do desafio do desenvolvimento econômico e social. "As revoluções que se seguem umas às outras nas províncias indicam um enraizado mal estar." O fracasso dos escravos em se reproduzir e do tráfico escravo em fazer mais do que manter o nível existente de mão-de-obra, ao lado das rebeliões e violências escravas, a xenofobia dos brasileiros e a "fraqueza" do jovem imperador, eram as causas apontadas para êsse pessimismo. (27)

(25) *Ibid.*, II, 60-61, 118.

(26) Charles Expilly, *Le Brésil tel qu'il est*, Paris, 1862, pp. VII-X.

(27) Comte de Suzannet, *O Brasil em 1845*, Rio de Janeiro, 1957, pp. 36-48, 231-233.

Cinco anos de residência no Brasil durante este período incerto levaram George Gardner, um botânico inglês a temer que a "classe livre, que é na maioria de sangue mestiço e que deseja... uma forma republicana de governo" verá suas esperanças se materializarem. "Em tal evento a população branca certamente sofrerá da rapacidade selvagem das classes mestiças... (que) herdaram em algum grau o intelecto superior do branco, enquanto conservam muito da astúcia e da ferocidade do negro." Esse medo, continuava, levou "muitos que antes advogavam princípios republicanos" a se tornarem "os mais inabaláveis sustentáculos da monarquia constitucional" convencidos de que ela proporcionaria "a maior garantia que eles poderiam ter para a segurança de suas vidas e propriedade." Gardner não considerava o próprio escravo como uma ameaça: "Na maioria das fazendas os escravos são bem tratados e parecem muito felizes. Na verdade é uma característica do negro se reconciliar bem depressa com sua condição", fato que ele associa com a "disposição descuidada" do negro e "bem comprovada capacidade intelectual deficiente" provada pelo fato que "mesmo nas partes mais remotas do Império, três ou quatro brancos podem manter até duzentos ou trezentos deles no mais perfeito estado de submissão." (28)

Os detalhes de Thomas Ewbank sobre a corrupção clerical, ritualismo católico e atraso tecnológico do Brasil nos anos quarenta, fracamente convidavam a imigração das áreas protestantes da Europa ou da América. (29) Nem Saint Hilaire teria encontrado muitos imitadores entre os leitores de seus relatos pormenorizados de viagem pelas províncias do Império; embora São Paulo pareça ter merecido seu olhar pela limpeza, pela alegria de sua aparência, pela pureza de seu ar, pelo caráter de seu povo. Com notável clarividência ele escreveu que embora "le Brésil doit rester encore simplement agricole, et qu'il n'est pas arrivé à l'époque ou il y aura de l'avantage à y former de grand manufactures... quand le moment sera venu, c'est peut-être à S. Paul qu'il faudra commencer." (30)

Todavia, a vida brasileira dos anos trinta e quarenta exibia uma mudança considerável em relação às décadas anteriores quando a abertura do Brasil para o comércio exterior trouxe uma hoste de estrangeiros para observar, opinar e retratar. Alguns como o reverendo Walsh se convenceram da iniquidade da escravidão, sua descrição dos mercados de escravos como o Vallongo no Rio, do suicídio de escravos e da violência contra eles poderia ser descontada como perspectiva de pregador ianque. (31) Lendo tais relatos Mathews ficaria impressionado não pelo atraso do Brasil em 1860 mas pelo progresso feito desde a primeira década do século, quando a nova e primitiva qualidade da vida brasileira, sua falta de salubridade, a ubiqüi-

(28) * George Gardner, *Travels in the Interior of Brazil*, 2^a ed., London, 1859, pp. 12 ff.

(29) Thomas Ewbank, *Life in Brazil*, New York, 1856.

(30) Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte Catherine*, Paris, 1851, 2 vols. I, 251 ff., 271.

(31) Reverend R. Walsh, *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, London, 1830, pp. 178-208.

dade dos escravos africanos, seu isolamento intelectual, impressionavam muito poderosamente os visitantes. Henderson em 1821 ficou chocado com o fato que da população do Rio com 150.000 habitantes, 2/3 eram "negros, mulatos e outros, exibindo tôdas as variedades de tom de pele... Um grande número de pessoas que vive inteiramente no ócio, com o rendimento de um, dois ou três escravos que... vagabundeiam pelas ruas à procura de emprêgo (e) são distinguíveis por um grande cêsto que carregam, outros de ambos os sexos são empregados em carregar água das fontes em barricas... As ruas depois do anoitecer estão desagradavelmente cheias de negros, carregando barricas de detritos para esvaziar na praia, o banheiro ou privada não sendo conhecido nesta cidade... Poucas carroças são usadas, e estas são de uma construção tôska." Também escreveu que "os negros são provávelmente usados com mais inumanidade aqui do que em outras colônias. No interior êles são muito mais bem tratados do que no Rio de Janeiro, onde em alguns casos muita crueldade é praticada". (32) Naquele ano, também Maria Graham relatava que a mulher de um fazendeiro havia mencionado que "nem a metade dos negros nascidos no seu estado viviam até 10 anos de idade" enquanto sua visita ao mercado de escravos Vallongo corroborava Henderson no "retrato da miséria humana" apresentado pelos africanos recém-chegados. (33) A vida cultural era igualmente primitiva. Henderson comentava sôbre a ausência de vida literária na capital e "para ir mais longe no interior, um homem deve se submeter a sacrificar tôda a idéia de sociedade, e residir entre um tipo de pessoas que são estranhas ao agradável intercurso da vida civilizada ao qual êle tenha sido acostumado." (34)

A obra de artistas europeus em visita ao Brasil neste período confirma a impressão de um meio desprovido de cultura e conforto além do que poderia ser fornecido por um grande número de escravos a um sinal ou grito. As magnificas litografias coloridas de Debret e cuidadosas anotações de cenas típicas na cidade e no campo teriam fascinado e surpreendido um sulista americano apenas um pouco menos que os europeus de 1830. (35) As interpretações de algum modo mais românticas da vida brasileira executadas com incomparável habilidade por Rugendas, também revelavam a coexistência no Brasil das culturas indígenas, africana e portuguesa em um padrão estranho e provávelmente repugnante para o americano litorâneo. (36)

Não foi exceção entre os visitantes estrangeiros que reconheceram o atraso do Brasil neste período H. M. Brackenridge. Escreveu "minha estada em New Orleans me tornou familiarizado com muitos objetos que um cidadão

(32) James Henderson, *A History of the Brazil*, London, 1821, pp. 72 ff.

(33) Maria Graham, *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There During the Years 1821, 1822, 1823*, London, 1824, pp. 227, 289.

(34) Henderson, op. cit., p. 88.

(35) *Jean Baptiste Debret, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, Paris, 1834, 3 vols. Esses três in folio são agora muito raros. A Biblioteca tem uma segunda edição integral com reproduções reduzidas para o branco e preto: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, São Paulo, 1940.

(36) Johann Moritz Rugendas, *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, Paris, 1835.

de nossos estados do centro e do norte teriam contemplado com espanto." O comércio escravo, relatava, ainda era mantido extensivamente e desde que os escravos eram baratos "seu crescimento natural é desencorajado pelo cálculo de que é muito mais barato importar escravos já plenamente desenvolvidos do que criar jovens". Nos Estados Unidos, reflete "a experiência provou que desde a abolição do tráfico escravo e o melhoramento da condição dos escravos, que se deu em tôda parte seu número e valor cresceram numa proporção longe da que tinha sido observada prèviamente; e por fim, uma penosa circunstância para os filantropos de nosso país que vêem crescentes dificuldades no modo de sua emancipação. Serve para provar, entretanto, que até a injustiça prospera pela consulta tão longe quanto é compatível com seus atos, às regras da humanidade." Assim, quanto ao futuro que espera o Brasil "pode parecer prematuro hoje estabelecer uma comparação entre o Brasil e nosso país" escrevia "mas virá a época em que tal comparação parecerá natural e mesmo inevitável". (37)

Foi a rápida mudança do Brasil que impressionou particularmente a viajantes alemães. Em *Travels in Brazil in the Years 1817-1820* Spix e Martius gravaram os rápidos progressos em "civilização e luxúria" observáveis no Rio, assim como o desenvolvimento de um "sentimento patriótico" entre os brasileiros. Se êstes homens que viajaram através do vale do Paraíba para São Paulo em 1817 não viram sinais da plantação de café que daria a êle o nome de "vale da escravidão" cinquenta anos mais tarde, também os viajantes para o extremo sul americano não poderiam prever que o Alabama, nem mesmo parte dos Estados Unidos naquela época, se tornaria o coração do Reino do Algodão em trinta anos. (38)

Outra testemunha das inovações na sociedade do Rio, nesta época foi John Luccock, um comerciante inglês que passou dez anos no Brasil e que gravou evoluções como a substituição de postigos por balcões, a introdução de mobília, carros e indumentária mais respeitável, o crescimento do nacionalismo e do interêsse por educação e literatura. No interior, notou que "florestas estavam caindo em tôda a parte debaixo da enxada" e concluía "o tráfico com a Africa deve ser por muito tempo de enorme importância para o Brasil, principalmente por que é êle que fornece os braços para a agricultura." (39) O processo de converter a floresta virgem em enorme fazenda nos meados do século foi descrito grâficamente em John Mawe: a aquisição de uma grande concessão de terra virgem, compra de escravos e instrumentos para a derrubada da floresta, a construção dos primeiros

(37) H. M. Brackenridge, *Voyage to South America, performed by order of the American Government in the Years 1817 and 1818, in the Frigate Congress, Baltimore, 1819, 2 vols., I, 121-168.*

(38) Johann Baptist von Spix e C. F. Phil. von Martius, *Travels in Brazil in the Years 1817-1820, London, 1824, 2 vols., I, 137-145, 269-327.*

(39) John Luccock, *Notes on Rio de Janeiro and Southern Parts of Brazil. London, 1820, pp. 546-547, 283, 593.*

abrigos primitivos, o cultivo dos primeiros produtos de subsistência e finalmente a plantação da mercadoria rendosa que em trôco daria lucros para a compra de novas terras e mais escravos. (40)

Se literatura de viagem de meados do século XIX pudesse ter convencido Joel Mathews e outros sulistas que "uma pequena parte do Império do Brasil" poderia oferecer clima e terra para o algodão, "o mesmo sistema de trabalho (escravidão africana)" muitas "das peculiaridades do sistema social que resultam da posse de escravos" assim como "o sãbiamente constituído" e "benignamente administrado" govêrno que guiou a transição da colônia para o Império, haveria ainda uma "incerteza" em relação à continuação por parte do govêrno da proteção do direito de propriedade sôbre escravos.

Da vantajosa perspectiva da História é fácil estabelecer que a própria "incerteza" de Mathews era indicativa da teimosa mentalidade relutante em ver os vários sinais da posição definhante da escravidão, a ser notada em relatos americanos, inglêses e franceses das décadas anteriores. Talvez sua visita a São Paulo em 1866 o levasse a um contato com os fazendeiros que como seus pares dos Estados Unidos estavam comprando o melhor bem móvel de trabalho encontrável desde o fim do tráfico e seriam os últimos a reconhecer a inevitabilidade da emancipação. Ainda pareceria lógico que um homem que tivesse tão recentemente experimentado a derrota de um combativo regionalismo não tivesse abraçado a causa similar sem investigar cuidadosamente a possibilidade de sua sobrevivência.

Que fontes estavam ao alcance de Mathews sôbre a questão da posição da escravidão no Brasil em 1867? Que publicação poderia êle ter trazido para casa de sua viagem com o propósito de esclarecer os problemas da emancipação e abolição ou pelo menos fornecendo indícios da expectativa de vida da "singular instituição" no Brasil?

Tivesse o plantador do Condado de Dallas desejado procurar o mercado de livros durante sua visita ao Brasil, teria encontrado num volume acabado de sair muito do seu intento, senão do seu ponto de vista. A primeira parte da "*Escravidão no Brasil*" de Perdigão Malheiro, um resumo detalhado dos aspectos legais da escravidão brasileira, teria proporcionado uma base excelente para a comparação com as leis que regulamentam a escravidão no Velho Sul. Mais importante, a última parte da obra resumia o desenvolvimento histórico da escravidão brasileira e do tráfico escravo assim como do movimento para limitar e abolir a escravidão até aquela época. Mathews poderia muito bem ter concluído a partir deste livro que no Brasil como nos Estados Unidos a idéia de abolição da escravidão estava associada ao movimento pela independência nacional, mas que êste sentimento emancipacionista havia sido rãpidamente anulado pela emergência de interêses agrícolas poderosos, atraídos pelo mercado de exportação em expansão para mercadorias

(40) John Mawe, *Travels in the Interior of Brazil*, London, 1821, 2.^a ed. pp. 100-101.

cultivadas por escravos. A Constituição Brasileira de 1824, teria notado, parecia com a Constituição Americana na ignorância do problema da escravidão. No segundo quartel do século XIX, o silêncio político em torno da questão era ainda mais pronunciado no Brasil que nos Estados Unidos, apesar de projetos esporádicos de substituição gradativa do trabalho escravo pelo trabalho livre, que raramente ultrapassavam os limites da imprensa escrita. (41) Só depois do fim do tráfico africano em 1850 a opinião começou a se unir em torno da questão e somente depois do desenlace da guerra civil americana havia táticas e programas ventilados no debate parlamentar de modo sustentável. (42) Anteriormente, o interesse na emancipação aparecia apenas entre isolados e influentes publicistas como Tavares Bastos, cujas *Cartas do Solitário* se centravam no problema da escravidão no começo dos anos sessenta. (43) Até o fim da guerra entre o Brasil e o Paraguai (1871) não se move a questão da escravidão para a primeira plana na política no Brasil. Neste contexto deve ser enfatizado que o próprio ano em que muitos sulistas decidiram ir para o Brasil marcou o começo de uma luta intensificada pela abolição.

Então pode-se concluir que o acúmulo de provas em 1867 não teria dado aos emigrantes sulistas uma indicação clara do fim temporão da escravidão no Brasil. Quando a French Abolition Society (*) em 1866 exortou o Imperador a mover-se rapidamente dentro dos passos da história recentemente proclamada nos Estados Unidos; Pedro II respondeu de modo tranquilizador: "A emancipação dos escravos... não passa de uma questão de forma e oportunidade. — Quando as penosas circunstâncias em que se acha o País o consentirem, o Governo Brasileiro considerará como objeto de primeira importância a realização do que o espírito do cristianismo desde há muito reclama do mundo civilizado." (44)

Para os sulistas, foi irônico que a época oportuna tenha vindo finalmente vinte anos mais tarde quando a abolição estava finalmente realizada pelos esforços de um pequeno grupo de ativistas operando na própria cidadela da escravidão — São Paulo — e no último reduto da cidadela — Campinas — onde tantos sulistas se tinham estabelecido. A organização de uma estrada de ferro clandestina utilizando o material da São Paulo Railway que levava algodão e café para a costa tirava os escravos das plantações e levava a uma deserção em massa que o Exército se recusava a dominar. Apesar dos

(41) Agostinho Marques Perdigão Malheiro, *A Escravidão no Brasil*, 2.^a ed., São Paulo, 1938, 2 vols.

(42) Joaquim Nabuco, *O Abolicionismo*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1938.

(43) Aureliano Cândido Tavares Bastos, *Cartas do Solitário*, Rio de Janeiro, 1861.

(44) Perdigão Malheiro, op. cit., II, 377-379. C.B. Ottoni, *Autobiographia*, Rio de Janeiro, 1908, pp. 192 ff.

(*) Junta Francesa de Emancipação.

apelos desesperados do Campinas Club de Lavoura (*), a "Lei Áurea" foi promulgada a 13 de maio de 1888. (45)

Se Joel Mathews estivesse vivo neste dia, poderia ter indiretamente constatado que os eventos nasceram de sua análise em 1867 pois com notável perspicácia êle havia ligado a condenação da escravidão ao crescimento do conceito de liberdade e igualdade assim como com às questões de desenvolvimento econômico. Foram na verdade "o Papel moeda, as Estradas de Ferro e o desenvolvimento das potencialidades" que curvaram a espinha da escravidão no Brasil pela criação de forças disputando sua hegemonia. Não foi fortuito que muito do capital que havia sido empregado no tráfico de escravos nos anos quarenta tenha se transferido para estradas de ferro e indústrias nos anos cinquenta. (46) Nem foi coincidência que o fim da escravidão trouxesse o fim da monarquia e a inauguração da República em 1889 com seu programa próprio de reconstrução sob o *slogan* "Ordem e Progresso".



(*) Clube da Lavoura de Campinas.

(45) *Nícia Vilela Luz, A Administração Provincial de São Paulo em face do movimento abolicionista. Revista de Administração, São Paulo, Ano II, n.º 8 (dezembro de 1948); *Assamblea Provincial de São Paulo, Discursos, Sessão de 1888, pp. 116 ff.

(46) *Louis Couty, Le Brésil en 1884, Rio de Janeiro, 1884, pp. 30-37, 404-405.